



ENTRE REIVINDICAÇÕES, PROTESTOS E NÃO PROTESTOS: o Sindicato contemporaneamente

Naíres Raimunda Gomes Farias ¹

RESUMO

Este trabalho aborda as estratégias do Sindicato dos Metalúrgicos do Maranhão no trato dos trabalhadores vinculados ao chão de fábrica da ALUMAR (Alumínio/Maranhão). Os resultados destacam como principal instrumento de pressão a paralisação de horas na entrada da fábrica e com produção intocável, observando a negociação e o confronto como importantes estratégias.

Palavras-chave: transformações no trabalho; sindicalismo; manifestações de reivindicações e protestos

ABSTRACT

This work approaches the strategic of the Metallurgists' Union of Maranhão in the workers' treatment linked to the ground of factory of ALUMAR (Aluminum / Maranhão). The results highlight, as main pressure instrument, the stoppage of hours in the entrance of the factory and with untouchable output. underscore the negotiation and the confrontation as important strategies.

Keywords: Transformations at the work place; syndicalism; manifestations of claims and protests

¹ Doutora. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: nairesfarias@yahoo.com.br



1. INTRODUÇÃO

A proposta em apresentação é resultado de uma pesquisa no âmbito das estratégias sindicais. A intenção é analisar o encaminhamento estratégico do Sindicato dos Metalúrgicos do Maranhão (SINDMETAL) no trato dos trabalhadores representativos de sua base no universo produtivo da ALUMAR (Alumínio/MA), procurando captar possibilidades da luta de classes, especificamente na organização à qual se vincula a metalurgia de ponta localizada no solo maranhense. Contou com uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo constituída de entrevistas com 25 trabalhadores do processo imediato da produção do alumínio, sendo 13 associados e 12 não associados ao sindicato. Os critérios para seleção dos entrevistados tomaram como referência os trabalhadores vinculados regularmente no chão de fábrica da ALUMAR e em situação de associados e não associados ao SINDMETAL durante as gestões em estudo.

Em termos gerais, a pesquisa procurou analisar a atuação estratégico-tática do SINDMETAL no campo das manifestações de reivindicações e protestos dos trabalhadores da ALUMAR nas gestões 1997-2000 e 2000-2003. Os resultados asseveraram estratégias de âmbito fabril e extramuros, enfatizando melhoria salarial como temática de maior solicitude, tanto em termos da negociação como da reivindicação, condições de trabalho, relações sindicato-sociedade, negociação representação patronal e sindical e parada na entrada da fábrica. Além dos investimentos no âmbito da comunicação, especificamente, o Jornal Marreta Neles e Rádio Capital, da educação via descontos a associados em faculdades particulares, da luta pela manutenção dos cinco turnos de revezamento, lazer, sindicalização, saúde e segurança do trabalhador e serviços médico-odontológicos e jurídicos.

No campo específico das manifestações de reivindicações e protestos, a exposição dos resultados traz à tona as questões: “um novo tempo, apesar dos perigos” e “novas e clássicas estratégias e um projeto delineado”. Os perigos encontram-se imersos no contexto de intensificação de trabalho, terceirização, precarização e pressão face ao exército recrutado como reserva pela empresa. Na sequência, esboça breve discussão sobre a parada na porta da



fábrica, atentando a peculiaridade tempo, espaço e limites dessa manifestação, comparando à dinâmica da greve. Ao término do estudo, apresenta as considerações finais, onde assevera mudanças na intervenção estratégico-tática do SINDMETAL. Mudanças nas formas, mas considerando vital o componente oposicionista na dinâmica sindical e o confronto como importante estratégia de intervenção. Por fim, apresenta a bibliografia recorrida, entendendo tratar-se de uma aproximação à temática.

2. O SINDICATO CONTEMPORANEAMENTE

Os dados assinalam mudanças de estratégias. Mudanças que acontecem em um contexto determinado e em consonância com a processualidade da organização sindical. A referência de estratégia ora aludida orienta-se nos estudos de Ana Cláudia Cardoso (1998:175), que a conceitua como ação no sentido de escolha dos meios disponíveis para atingir objetivos específicos. O contexto é de mundialização do capital e naturalização dessa questão, nos termos de Ianni (1989). O autor considera não haver empenho visível em revelar a trama das relações que produzem e reproduzem as desigualdades sociais. Para Ianni, culpabilizar, criminalizar ou mesmo responsabilizar um amplo segmento da sociedade civil, e não o sistema, é defender a ordem estabelecida, sobretudo, quando se apresentam as desigualdades sociais como manifestações de fatalidades, carências etc.

No âmbito das relações sindicais, as tendências de análises registram uma situação de refluxo do movimento de massa e de confronto vivenciado nos anos de 1980 na realidade brasileira. A propósito, um período propício às lutas sindicais, dado o forte movimento de greves, diferenciando-se do início dos anos de 1990, quando vivencia a hegemonia do discurso de abandono da postura de oposição. Os saldos são: declínio da atividade grevista, diminuição do número de filiados e tendência à moderação da luta. Nos termos de Ana Cláudia Cardoso (1998), que analisa estratégias e ação sindical nos anos de 1990, os sindicatos vivem hoje um de seus piores momentos, observando queda relativa e absoluta do número de trabalhadores sindicalizados; dificuldade de representação das camadas cada vez mais heterogêneas em termos de salário e condições de trabalho; baixa disposição dos trabalhadores em participar de mobilizações; queda na quantidade de greves e diminuição do número de trabalhadores abrangidos pelas negociações coletivas.

No caso específico do SINDMETAL, os dados são de mudanças na prioridade estratégico-tática. Reivindica-se a substituição da estratégia de confronto com o capital pela



proposta proposição/negociação/participação dentro do ordenamento possível do capital, tal como observam Ramalho (1994), Bresciani (1997) e Leite (1997). As considerações de Antunes (1995), Boito (1999), Alves ((2000) e, em leitura mais recente, Túmulo (2002) que trabalha a questão do ponto de vista da Central Única dos Trabalhadores, enfatizam o ocultamento de interesses divergentes e a imediaticidade suscitada na proposta, sinalizando tratar-se de uma postura subserviente às determinações do empresariado. Simultaneamente, as mudanças se efetuem em queda de sindicalização, aumento de demissão, o que não se trata de uma realidade dos trabalhadores da ALUMAR e dos registros da Pasta de Demitidos das empresas vinculadas ao sindicato, mas parte de uma tendência mundial que incentiva recordes de produção, perdas de postos de trabalho e aprofundamento da situação de desemprego

As novas tendências apontam mudanças na forma de administrar o conflito. Por exemplo, este não diminuiria necessariamente, mas mudaria de forma, deixando a greve de ser o principal instrumento de pressão sobre as empresas. Nos termos de Rodrigues (2002), além da paralisação do funcionamento de setores de atividades, ganha espaços nas formas de “pressão” do sindicato uma diversidade de táticas. São denúncias públicas de atos contrários aos empregados da parte de empresas; atuação junto a organismos legislativos e governamentais; uso intenso da publicidade; manifestações de rua; sabotagem; boicote; sequestro e detenção de dirigentes de empresas ou de autoridades públicas; pressões diretas sobre estâncias do poder; ocupação dos locais de trabalho; bloqueio de estradas e vias públicas; quebra-quebras e ações destinadas a influenciar a opinião pública.

Em vez da greve, como principal instrumento de pressão dos trabalhadores, **paralisação de horas na entrada da fábrica e com produção intocável**. Greve combina com manutenção de produção? Rodrigues (2002), utilizando os dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), considera como greve os dias perdidos em razão das paralisações provocadas pelos sindicatos e empregados². Cardoso (1998), que recorre a Cattani (1997), caracteriza greve como a cessação temporária do trabalho, decidida por um

²- Rodrigues denomina greve como manifestação de conflitos de interesses que pode ser mais aguda ou menos aguda, sem pressupor, inevitavelmente, uma oposição irreconciliável entre o capital e o trabalho. Para o autor, a interpretação da greve, como sendo essencialmente a expressão do antagonismo entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores forçados a "vender" (mais correto seria "alugar") a sua força de trabalho, tornou-se problemática nos últimos decênios. A justificativa é a expansão das paralisações no setor público em que os funcionários não se opõem ao capital, mas ao Estado que, nas democracias de massas, está muito longe de ser o "comitê executivo da burguesia". (2002, p.120-121).



grupo de trabalhadores com o objetivo de ver atendidas suas reivindicações, específicas ou gerais, em certa parte imprevisíveis, expressando possibilidades de mudanças nas relações de produção e na estrutura de poder. É o momento em que o conflito capital/trabalho é acirrado e os trabalhadores partem para uma ação mais combativa³.

Nesse sentido, parada difere de greve, primeiro porque aquela se dá fora e não dentro da fábrica. O movimento pode vir a ocorrer de fora para dentro. O objetivo é criar obstáculos para os trabalhadores não chegarem ao trabalho. A estratégia inicia paralisando os ônibus na portaria, com fins de atrasar a entrada dos trabalhadores na empresa, constituindo-se em uma situação de alerta para o patronato. O diferencial: a produção não pára, dada a dinâmica ininterrupta do processo produtivo. Quando acontece a parada, a força de trabalho na ativa deve continuar a fazer o processo produtivo acontecer. Agora, há quem diga que essa perspectiva de paralisação possa facilitar uma certa operação tartaruga com o trabalhador, cansado de sua jornada, sendo obrigado a permanecer no serviço até o movimento parar. O perigo é sobrevalorizar o exercício de uma atuação ao dispor do empresariado, dado o quadro intransponível das relações capital/trabalho, quando a meta por intensificação de trabalho e lucro conjuga com desemprego, terceirização e exército de trabalhadores em reserva.

Ademais, a realidade vem apontando que a proposta de paralisação de horas e não de dias, característica que Leôncio Rodrigues (2002) considera necessária para conceituar greve, não se constitui entrave para o trajeto do SINDMETAL. Pelo contrário, é vista como manifestação viável de ser consolidada no campo possível do capital. A tendência é evitar manifestações prolongadas: prioriza-se movimentos de curta duração, sobretudo, considerando o mercado maranhense, onde a ALUMAR apresenta-se como empreendimento de ponta que oferece melhores condições de trabalho e salário, além do investimento tecnológico. A propósito, a tendência dos sindicatos hoje é procurar paralisar pontos estratégicos das empresas que envolvam um número pequeno de trabalhadores de forma a prejudicar toda a cadeia produtiva. Daí a razão de procurarem reduzir o número de trabalhadores formalmente paralisados. Os custos desses combates fazem com que a decisão de recorrer à greve seja seriamente ponderada, o que leva à tentativa de esgotar todos os recursos disponíveis de negociação antes que o início do movimento seja ordenado (2002, p.149-50). Rodrigues

³- Segundo Cardoso, as causas desse movimento são as mais variadas: questões salariais, lutas por redução da jornada de trabalho, readmissão de trabalhadores, terceirização, mão-de-obra temporária, estabilidade, greves de solidariedade, entre outras. (1998, p.144-5).



(2002) sugere as paralisações por empresa isolada como estratégia mais adequada para o contexto.

Os resultados também registram o aspecto dificuldade de o trabalhador participar de uma parada nos horários administrativos, dado a vigilância da chefia e as ameaças de repressão ao que a empresa considera infração. Os dados são de entrada de funcionários na fábrica para cumprir suas atividades rotineiras enquanto a parada acontece. Há quem enfatize o caráter obrigatório da parada, além de almejar que sua ocorrência aconteça no momento da sua folga, ou quando estiver trabalhando.

Enfim, considerando os limites postos pelo quadro mercadológico, **a parada em vez de greve se apresenta como alternativa viável de atuação sindical**. Preocupa-me ver no exercício dessas ações questões que Boito (1999) trabalha como neocorporativismo sindical ou defensivismo de novo tipo que trata Alves (2000), interpretando-o como reconhecimento cada vez maior do sindicalismo à sua esfera corporativa. E aí a relevância da análise de Rodrigues (2002), ao destacar a viabilidade do componente oposição na dinâmica sindical, partindo das divergências entre a administração das empresas e empregados, o que requer excluir das características de uma associação, como sindicato, funções relativas a cooperativas e sociedades de auxílio mútuo. O sindicato pode até contemplar essa peculiaridade de atuação, mas tendo como arranque de intervenção a perspectiva de que, enquanto houver capital, haverá resistência dos operários, e os sindicatos a forma principal de resistência cotidiana dos trabalhadores assalariados.

Com essa perspectiva, entendo a viabilidade da estratégia confronto e contestação para o contexto, convivendo ao lado das requisições cotidianas que se supõem articuladas a uma perspectiva para além das requisições fabris, até mesmo no sentido de reverter as demandas do capital ao dispor dos trabalhadores. Mudanças nas formas, mas considerando o componente oposicionista como vital na dinâmica sindical.

3. CONCLUSÃO

Tempos modernos em um novo tempo: o tempo do SINDMETAL, novas e clássicas estratégias e um projeto delineado, enfim, os dados assinalam mudanças de estratégias e táticas. Propõe-se negociação entre representação patronal e sindical. Sob a outra face da



moeda, as considerações são de uma proposta de colaboração ou conciliação com os interesses empresariais. Ao lado do clássico encaminhamento greve, que deixa de ser o principal instrumento de pressão do sindicato, ganham espaço na dinâmica contemporânea táticas, como denúncia pública, manifestações de rua, bloqueio de estradas e vias públicas, trabalho formiga, boca-boca, entre outras. Em vez de furar pneus de ônibus; prioriza-se o discurso de conscientização do trabalhador, mesmo que se trate de uma perspectiva subserviente às determinações da política empresarial.

Uma peculiaridade do contexto: priorizar movimentos de curta direção. Detalhe: desde que esgotadas todas as possibilidades de negociação, acordos e desacordos com o patronato, com a manifestação se apresentando como último recurso possível. Em vez de greve, até pela ausência de uma organização interna dentro da fábrica, manifestações reivindicatórias e de protestos com tempo determinado na entrada da fábrica, a paralisação. Os dados são de uma manifestação com possibilidades de parar a maioria vinculada ao sindicato, mas não a totalidade dos trabalhadores, e tampouco traz impactos no itinerário produtivo da ALUMAR, que não pára, mesmo com o bloqueio do sindicato na BR que dá acesso à empresa e nos bairros por onde transitam seus ônibus.

Desafios para o SINDMETAL? Trabalhar com a perspectiva de que há mudanças na forma de tratar divergências entre partes, entendendo o confronto como importante estratégia, é uma possibilidade de atuação sindical. Considero relevante o desempenho de atividades parciais ou defensivas, desde que articulado a um horizonte além do quadro empresarial requisitado, até no sentido de reverter as demandas do capital ao dispor dos trabalhadores. A perspectiva é reforçar a articulação de necessidades imediatas como salários, direitos, condições de trabalho a um projeto além do capital. A proposta de greve, para além das paradas, apresenta-se como valioso instrumento de pressão e organização. Até pela radicalidade de parar a produção da mais-valia e, com ela, o processo produtivo que se requisita ininterrupto. A questão é como ter assegurado respaldo e legitimidade da base, compreendendo a necessidade de uma intervenção política junto à massa recrutada como reserva. No calor do debate, a expectativa de ser desencadeada uma organização interna dos trabalhadores dentro da fábrica capaz de repercutir em um movimento de massa com horizontes fincados em um trabalho de base e de âmbito internacional.



REFERÊNCIAS

- ALVES, GIOVANNI. **O novo e precário mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: BIOTEMPO EDITORIAL, 2000.
- _____. **Marx e Engels e os limites do sindicalismo**. 1992. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 1992.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** – Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.
- BOITO JÚNIOR. **A política neoliberal e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã Editora, 1999.
- BRESCIANI, Luís Paulo. Os desejos e o limite: reestruturação industrial e ação sindical do complexo automotivo brasileiro. *In*: LEITE, Márcia de Paula. **O trabalho em Movimento – reestruturação produtiva e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Papius, 1997.
- CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. **Emprego: estratégia e ação sindical nos anos 90. O caso dos metalúrgicos do Estado de São Paulo**. Tese de doutorado, USP, 1998.
- IANNI, Otávio. A questão social. *In*: **Revista USP**, set./out./nov, São Paulo, 1989.
- LEITE, Márcia de Paula. Reestruturação produtiva e sindicato: o paradoxo da modernidade. *In*: LEITE, Márcia de Paula. **O trabalho em movimento – reestruturação produtiva e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Papius, 1997.
- Pasta dos trabalhadores demitidos vinculados ao SINDMETAL. São Luís, Sindicato dos Metalúrgicos do Maranhão.
- RAMALHO, José Ricardo. As diversas faces da negociação no meio sindical brasileiro. *In*: RAMALHO, José Ricardo; MARTINS, Heloísa de Souza. *In*: **Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. **Destino do sindicalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002.
- SOARES, Pedro. Vaga no setor informal reduz desemprego. **Folha de São Paulo**, n 27.292, ano 83, 2003.
- TÚMULO, Paulo Sérgio. **Da contestação á conformação – a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.